



**Produção, usos e transformações das histórias coloniais mexicas  
(séculos XVI e início do XVII)**

EDUARDO HENRIQUE GOROBETS MARTINS<sup>1</sup>

A conquista de México-Tenochtitlan pelos castelhanos e aliados indígenas foi bastante rápida no que diz respeito à implementação das instituições castelhanas (ELLIOTT, 1998). Este processo transformou profundamente a organização econômica, social e política dos mexicas e de outros povos indígenas da Mesoamérica com a gradual imposição do regime colonial. Contudo, apesar das mudanças, a introdução do regime só foi viável porque se utilizou da organização política e tributária dos *altepetl* ou cidades indígenas, e de alianças com suas elites dirigentes (NAVARRETE LINARES, 2001).

A conquista e seus desdobramentos forçaram um reposicionamento político das elites indígenas que incluía a conversão ao cristianismo e, ao mesmo tempo, a tentativa de manutenção de suas posições. O novo contexto político também teve como consequência a confecção de novas histórias, que tinham como objetivo recontar a história do *altepetl* incorporando acontecimentos recentes, tais como a organização político-tributária pós-conquista e a implementação das instituições castelhanas e cristãs.

Por isso, o objetivo deste texto é apresentar brevemente a produção, usos e transformações das histórias coloniais mexicas confeccionadas entre os séculos XVI e início do XVII, destacando a relação das novas histórias com a efetivação das políticas coloniais no Vice-Reinado da Nova Espanha. Além disso, irei sugerir, ao final, um agrupamento das histórias coloniais mexicas que contém escrita pictográfica, como espécie de passo inicial para a identificação das transformações ocorridas nessas narrativas.

Nenhum códice pré-hispânico mexicana sobreviveu às décadas seguintes após a conquista, embora muitos manuscritos pictográficos tenham sido confeccionados durante o período colonial conjuntamente por missionários, funcionários espanhóis ou membros e descendentes das elites dos *altepetl* e informantes indígenas. Os interesses desses grupos eram distintos ao produzirem essas novas histórias e se relacionavam com os objetivos de seus autores e seus destinatários, como será explicado adiante.

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (PPGHS-USP). Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Pesquisador associado do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo (CEMA-USP).

O termo *códice* foi empregado com maior frequência a partir do século XIX por arqueólogos, historiadores e outros estudiosos de forma bastante genérica. O nome vinha da associação aos *codex* medievais, pois assim como aqueles, os códices produzidos no Novo Mundo tinham estrutura de anais e, muitas vezes, formato de livro encadernado. O termo *códice* foi utilizado também no título de muitos manuscritos que continham narrativas históricas e acabou, com o tempo, se tornando sinônimo dos manuscritos pictográficos produzidos por indígenas da região mesoamericana antes da conquista castelhana e durante os séculos XVI e XVII. No entanto, há diversos tipos e formatos de códices, tanto pré-hispânicos quanto coloniais, produzidos em distintas regiões mesoamericanas e com diferentes suportes. Mais recentemente, inclusive, diversos autores têm revisado a analogia automática entre códices e livros, uma vez que esses objetos que correspondem a universos culturais distintos (DÍAZ ÁLVAREZ, 2011; RUIZ, 2011; NEURATH, 2013).

### **A produção dos manuscritos: materiais, gêneros, tipos de escrita e os *tlacuilo***

Os manuscritos mesoamericanos pré-hispânicos eram feitos com peles de animais ou com papel *amatl* e *maguey* (SANTOS, 2009: 78)<sup>2</sup> e tinham o formatos de *tira* – faixa longa de pele de veado ou folhas de papel coladas, geralmente dobradas na forma de biombo, – ou de *rollo* – *tiras* enroladas (GLASS, 1975: 7-9). Durante o período colonial, alguns desses formatos continuaram a ser utilizados na produção de manuscritos nativos, porém com a introdução dos *lienzos* – uma única folha de algodão ou fibra de *maguey* de tamanho considerável – e dos livros encadernados à maneira europeia – com páginas individuais de papel *amate* ou europeu de linho, cânhamo ou algodão. Os pigmentos de procedência vegetal e animal que eram utilizados em tempos pré-hispânicos continuaram a ser utilizados e, muitas vezes, foram experimentadas misturas com pigmentos produzidos na Europa (HERREN, 2005: 83-84).

Alguns dos gêneros de livros produzidos pelos povos nahuas<sup>3</sup> em tempos pré-hispânicos eram: o *tonalamatl* ou *livro da conta dos dias e do destino*; o *teoamatl* ou *livro divino*; o *tlalamatl* ou *livro de terras ou mapas*; o *tequiamatl* ou *livro dos tributos*; o

---

<sup>2</sup> O papel *amatl* (ou *amate*, hispanizado) era feito com fibras da casca da figueira; o papel *maguey* utilizava fibras do agave. Havia ainda livros confeccionados com as fibras de uma palma chamada *iczotl*.

<sup>3</sup> Povos que falavam a língua nahuatl, entre os quais estavam os mexicas.

*tlacamecayoamatl* ou *livro de linhagens*; e, por fim, o *xiuhamatl* ou *livro da conta dos anos*, que registravam as narrativas históricas (SANTOS, 2009: 79-80). O *xiuhamatl* tem esse nome por conta das representações do *xiuhpohualli*, ciclo integrante do sistema calendário mesoamericano, que estão presentes ao longo das narrativas históricas. Além de ser referência temporal, as representações do *xiuhpohualli* se relacionam ao sentido de leitura dos manuscritos, e foram comparadas pelos castelhanos aos anais históricos europeus existentes à época (SANTOS, 2009: 141). Além disso, durante o período colonial alguns desses tipos de livros mencionados acima, ou partes deles, foram agrupados em um único manuscrito, conforme os interesses de seus produtores.

Os manuscritos coloniais utilizavam escrita pictográfica e alfabética<sup>4</sup> (LEÓN PORTILLA, 2003: 11-16). A escrita pictográfica combinava representações pictóricas ou figurativas com glifos calendários, numéricos, toponímicos, antroponímicos e fonéticos, dando origem a registros com organização e lógica próprias (SANTOS, 2009: 84-105). Os mexicas utilizavam o sistema mixteco-nahua, também chamado de *tlacuilolli*, que tinha predominância de glifos ideográficos em comparação com os glifos fonéticos e logográficos, além de elementos figurativos (NOWOTNY, 2005 [1961]; BROTHERSTON, 1997).

A escrita alfabética foi introduzida nos códices coloniais por meio de textos em espanhol, italiano e nahuatl. A língua nahuatl, assim como outras línguas ameríndias, foi transcrita para o alfabeto latino durante os séculos XVI e XVII por missionários e indígenas com o objetivo de facilitar o processo de conversão ao cristianismo e catequização. Esse processo de transcrição da língua ocorreu em paralelo à fundação de escolas, como a de San José de los Naturales, em 1527, nas quais os espanhóis ensinavam ofícios, a ler e escrever em espanhol, e também a pintar, desenhar e cantar (ESCALANTE GONZALBO, 2010: 135-151). Em 1536, ainda, foi criado o Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco, que ensinava estudos superiores, como gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, astronomia e música às elites indígenas pré-hispânicas e seus descendentes (LEÓN PORTILLA, 2003: 101-107). Este ambiente das escolas criadas por missionários com fins religiosos de conversão foi propício para que novos códices fossem confeccionados durante o período colonial, com mudanças nas representações pictográficas e com a introdução de textos alfabéticos. No caso da escrita pictográfica, especificamente, houve transformações no manejo das representações espaciais,

---

<sup>4</sup> Para além dos códices, feitos com peles de animais ou papel, a escrita pictográfica também estava presente em outros suportes, tais como estelas, cerâmicas e ossos, produzidos principalmente em tempos pré-hispânicos.

com a introdução da perspectiva e das formas de figuras humanas, que ganharam características fenotípicas europeias (VALLE, 1997: 64-65).

Alguns estudiosos afirmam que os textos alfabéticos são leituras parciais (LEÓN PORTILLA, 2003: 134) ou transcrições dos textos pictoglíficos (LIMÓN OLVERA & PASTRANA FLORES, 2011: 115-132), indicando, portanto, que há disparidades suficientes que tornam os textos pictoglífico e alfabético independentes um do outro (MORENO DE LOS ARCOS, 1989). A introdução da escrita alfabética nos códices coloniais foi feita por meio de pequenas glosas ou de longos textos. As glosas em geral indicavam nomes de lugar ou de personagens ou sintetizavam o conjunto de glifos presentes em um fólio por meio de uma frase, por exemplo. Nos longos textos figuravam até mesmo diálogos oriundos das tradições orais — a oralidade era fundamental em tempos pré-hispânicos, nos momentos em que os manuscritos eram exibidos e lidos em cerimônias e festas (MARTÍNEZ MARÍN, 2011: 39). Nos códices em que foram registrados textos alfabéticos em abundância, os textos pictoglíficos se tornaram mais escassos, e passaram a ter função ilustrativa, segundo alguns autores (LIMÓN OLVERA & PASTRANA FLORES, 2011; ROBERTSON, 1959).

Contudo, as representações pictoglíficas do calendário e de lugares ainda estiveram presentes nos códices produzidos ao longo do século XVI e início do século XVII, graças às estruturas narrativas temporais e espaciais que compunham as histórias, ainda que coexistissem com elementos da pictografia europeia e com a escrita alfabética. Os códices indígenas tiveram a capacidade de sofrer modificações ao longo do tempo sem que isso rompesse com seu valor original; essas obras eram maleáveis e possibilitaram a integração de novos conteúdos e materiais, ampliando suas possibilidades de uso segundo os requisitos e interesses dos novos usuários, castelhanos ou indígenas (DÍAZ ÁLVAREZ, 2016: 64).

As histórias coloniais, tal como as pré-hispânicas, eram produzidas por grupos de pessoas. Em tempos pré-hispânicos, os *tlacuilo*<sup>5</sup> eram destinados a terem essa ocupação de acordo com sua data de nascimento, que poderia ser 1 *ozomatli* (1 macaco) ou 7 *xochitl* (7 flor), de acordo com o ciclo do *tonalpohualli*, integrante do sistema calendário mesoamericano (HERREN, 2005: 46-54). Durante a vida, meninos, sobretudo, e meninas, eram preparados para trabalhar nos palácios dos *tlatoani* ou nas escolas *calmecac* e

---

<sup>5</sup> Pintores-escritas, em nahuatl (pl. *tlacuiloque*).

*telpochcalli* dos *altepetl*<sup>6</sup>. Embora os *tlacuilo* estivessem presentes nessas três instituições, era nos *calmecac* que eles, em conjunto com os *tlamatine* ou sábios, produziam livros relacionados aos calendários e livros de história, por exemplo. Os *tlacuilo* que produziam as narrativas históricas em tempos pré-hispânicos eram, portanto, parte integrante das elites dirigentes do *altepetl* e estavam a serviço do poder político estabelecido e dos privilégios sociais que lhes eram conferidos (SANTOS, 2009: 58, 81-82). Após a conquista espanhola, a estrutura social na qual os *tlacuilo* estavam inseridos foi irreversivelmente modificada pois eles passaram a viver sob certas exigências das novas autoridades espanholas, o que incluía, por exemplo, se converter ao cristianismo e ser bilíngüe, isto é, falar espanhol e a língua nativa (ROBERTSON, 1959: 38-40).

Muitos estudos identificam a quantidade de “mãos” que escreveram os textos pictográficos em um mesmo manuscrito mostrando, além disso, que muitas vezes os textos alfabéticos não eram elaborados pelas mesmas pessoas que registravam os glifos (KUTSCHER, LEHMANN VOLLMER, 1981; PASTRANA FLORES, 2011). Os textos alfabéticos, ainda, podiam ser posteriores à confecção do códice e nem sempre eram feitas por indígenas (PASTRANA FLORES, 2011: 55). Os manuscritos produzidos durante o século XVI e início do XVII são classificados muitas vezes sob autoria anônima, uma vez que dificilmente era indicado o nome do autor ou de seus informantes (KUTSCHER, LEHMANN VOLLMER, 1981: XI; GALARZA, 1997: 8). Dessa forma, os manuscritos assumiam os pontos de vista de um grupo ou *altepetl* a respeito de seu passado em um novo contexto político social e cultural, no qual, apesar das mudanças políticas, sociais e mesmo de confecção das narrativas, os códices mantinham a função social de registro da memória coletiva (VALLE, 1997: 64-65).

### **Usos: os destinatários e a manutenção de historicidades próprias**

Os destinatários também condicionavam o conteúdo e estrutura das novas histórias. Miguel Pastrana Flores identifica três grupos para os quais os códices eram destinados: a) a própria comunidade, que poderia registrar e guardar as informações para uso interno; b) as autoridades espanholas locais, ante quem, por esse meio, as elites buscavam o apoio em

---

<sup>6</sup> Os *calmecac* eram as escolas dos *pilli* (pl. *pipiltin*), elites dirigentes; já os *telpochcalli* eram as escolas dos *macehualli* (pl. *macehualtin*), pessoas comuns.

petições com diversos objetivos, tal como a obtenção de cargos e a posse de terras; e c) as autoridades espanholas da península ibérica e até mesmo o rei (PASTRANA FLORES, 2011: 55). Tais destinos implicavam em uma seleção de acontecimentos ou partes da história a ser registrada e também na articulação entre os textos pictográficos e alfabéticos – para além da composição das histórias com outros gêneros indígenas ou europeus. Em alguns códices destinados ao rei, por exemplo, interessava somente conhecer a rede de domínios que os mexicas fizeram durante o período entre a fundação de México-Tenochtitlan até a conquista castelhana. Enquanto isso, em manuscritos destinados à própria comunidade ou às autoridades locais, era importante registrar os acontecimentos anteriores à fundação do *altepetl* e posteriores à conquista castelhana, destacando a importância das migrações e a origem do *altepetl* desde tempos antigos, e reforçando que a história de tais elites continuava após 1521, mesmo que os mexicas estivessem submetidos aos novos governantes.

Por mais que o destino e a finalidade dessas histórias fossem bastante distintas, seus produtores mantiveram a utilização da escrita pictográfica ao longo do século XVI, registrando sequências de acontecimentos com datas e localização geográfica (PASTRANA FLORES, 2011: 52). As representações temporais e espaciais presentes ao longo dos manuscritos lhes conferiam uma historicidade própria. Isso não significa, todavia, que todas as histórias de um mesmo *altepetl* eram iguais, mas que tinham uma historicidade na qual o *altepetl* mexica era o centro do dever histórico e temporal da narrativa (NAVARRETE LINARES, 2011: 33-35).

A produção de histórias durante o regime colonial continuou sendo um instrumento fundamental para a defesa dos interesses, direitos e privilégios dos *altepetl* e de suas elites governantes (NAVARRETE LINARES, 2011: 522). A adaptação das histórias segundo modelos europeus por parte dos intelectuais indígenas não foi um simples processo de substituição por imposição, mas um ato sofisticado e criativo no qual as autoridades indígenas participaram ativamente para definir o novo rumo de sua história (DÍAZ ÁLVAREZ, 2016: 45) utilizando certas normas tradicionais pré-hispânicas e inovações de influência europeia. As narrativas se tornaram, assim, próprias da cultura indígena e, ao mesmo tempo, aceitáveis e compreensíveis em termos legais para os espanhóis (PASTRANA FLORES, 2011: 51).

### **Transformações: a reelaboração das histórias durante o período colonial inicial**

As novas histórias mexicas produzidas entre os séculos XVI e início do XVII estão contidas nos códices *Boturini*, *Mendoza*, *Azcatitlan*, *Telleriano-Remensis*, *Vaticano A*, *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Manuscrito 85* e *Mexicanus*, contendo registros pictográficos combinados com glosas ou longos textos alfabéticos e narrativa da história mexica ou partes dela. Alguns desses códices coloniais mexicas foram agrupados por estudiosos por meio da identificação de semelhanças de conteúdo e possível parentesco entre eles ou relacionado a manuscritos mais antigos. Dois desses casos são: o grupo Huitzilopochtli, formado pelos códices *Telleriano-Remensis* e *Vaticano A* (PASTRANA FLORES, 2011: 74-77); e o grupo Aubin, composto pelos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Manuscrito 85* (KUTSCHER, LEHMANN VOLLMER, 1981: IX-XXVIII). A Tabela 1 (A e B), a seguir, sintetiza as características principais de produção e usos destes manuscritos enquanto potenciais objetos de análise.

**Tabela 1 A - Códices mexicas coloniais produzidos nos séculos XVI e início do XVII**

<b>Código</b>	<b>Tipo de papel</b>	<b>Formato</b>	<b>Escrita</b>
<i>Boturini</i>	<i>Amatl</i>	<i>Tira</i>	pictográfica com glosas em nahuatl
<i>Mendoza</i>	Europeu	Fólios sem encadernação	pictográfica e alfabética em castelhano com poucas palavras em nahuatl
<i>Telleriano-Remensis</i>	Europeu	Fólios dobrados sem encadernação	pictográfica e alfabética em castelhano com poucas palavras em nahuatl
<i>Azcatitlan</i>	Europeu	Fólios dobrados na metade e sem encadernação	pictográfica com glosas em nahuatl
<i>Vaticano A</i>	Europeu	Fólios dobrados sem encadernação	pictográfica com poucas glosas em italiano
<i>Mexicanus</i>	<i>Maguey</i>	Fólios encadernados em formato de álbum	pictográfica com poucas glosas em nahuatl, castelhano e francês

<i>Manuscrito 40</i>	Europeu	Fólios sem encadernação	pictoglífica e alfabética em nahuatl
<i>Aubin</i>	Europeu	Fólios encadernados	pictoglífica e alfabética em nahuatl
<i>Manuscrito 85</i>	Europeu	Fólios sem encadernação	pictoglífica e alfabética em nahuatl com poucas palavras em castelhano

**Tabela 1 B - Códices mexicas coloniais produzidos nos séculos XVI e início do XVII**

<b>Códice</b>	<b>Outras seções</b>	<b>Períodos narrados na história</b>	<b>Data de produção</b>
<i>Boturini</i>	Não	Migração	1530- 1540?
<i>Mendoza</i>	Sim, duas	Governo de México-Tenochtitlan	1541
<i>Telleriano-Remensis</i>	Sim, duas	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1563
<i>Azcatitlan</i>	Não	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1566-1600?
<i>Vaticano A</i>	Sim, cinco	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1589
<i>Mexicanus</i>	Sim, duas	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1590



<i>Manuscrito 40</i>	Não	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1596
<i>Aubin</i>	Não	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1608
<i>Manuscrito 85</i>	Não	Migração e governo de México-Tenochtitlan	1590-1620?

A Tabela 1 A e B foi produzida com consulta a diversos estudiosos (JOHANSSON, 2007 B; TENA, 2009; BERDAN & ANAWALT, 1997; KEBER, 1995; MONTORO, 2008; GRAULICH & BARLOW, 1995; ANDERS & JANSEN, 1996; MENGIN, 1952; MEDINA GONZÁLEZ, 1998; KUTSCHER, LEHMANN, & VOLLMER, 1981; COLIN MIRANDA, 2007; PASTRANA FLORES, 2011; CASTAÑEDA DE LA PAZ, 2013; SANTOS, 2009). Há outras informações utilizadas, ainda, que estão presentes em obras de referência (GLASS, 1975; GLASS & ROBERTSON, 1975; ALCINA FRANCH, 1992).

As transformações das histórias não ocorreram de forma linear e unívoca ao longo do século XVI e início do XVII. Por um lado, cada uma das histórias apresenta características que poderiam ser tomadas como resultados de soluções específicas quanto à utilização dos materiais, adaptação de formato em conjunto com o registro pictográfico e alfabético e seleção de conteúdo de acordo com os destinatários. Por outro, todas histórias poderiam ser agrupadas pelo foco nos agentes, os mexicas, e por terem sido produzidas em um período específico, o colonial. É possível, no entanto, identificar grupos de manuscritos que deem conta das transformações sem cair nas peculiaridades que tornam cada história única ou na oposta ampla generalização dos manuscritos.

Com base nos dados apresentados na Tabela 1, a seguir, proponho na Tabela 2, abaixo, a definição de três grupos de histórias mexicas coloniais com base nas informações sobre produção e usos apresentados com dois objetivos: 1) sugerir a utilização destes grupos como ponto de partida para o entendimento das representações pictográficas e alfabéticas presentes nas narrativas, e 2) compreender as transformações das histórias de forma heterogênea e não unívoca, a partir de características fundamentais como o formato e a datação do manuscrito,

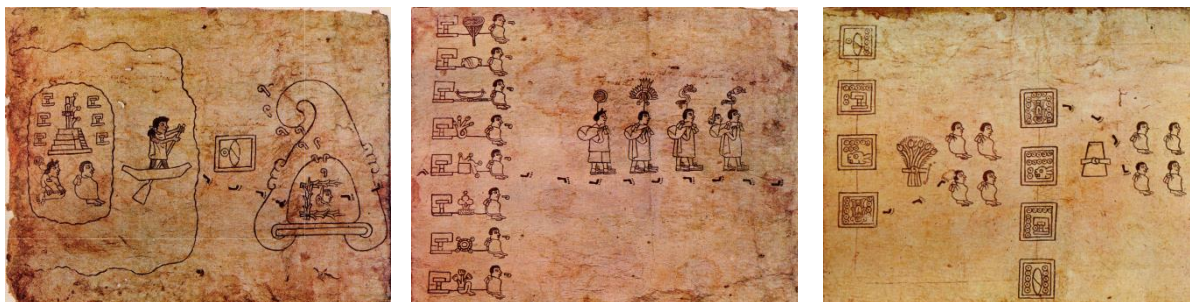
seus prováveis destinatários, a presença de outras seções no manuscrito – para além da narrativa histórica – e pelo tipo de escrita utilizado.

**Tabela 2 – Grupos dos códices mexicanos coloniais segundo suas principais características**

Grupo 1	<i>Boturini</i>	Formato: <i>Tira</i> ; datação: 1530-1540; escrita: pictoglífica
Grupo 2	<i>Mendoza</i>	Destinatário: Carlos V; possui mais duas seções
	<i>Telleriano-Remensis</i>	Destinatário: Europeus; possui mais duas seções
	<i>Vaticano A</i>	Destinatário: Europeus; possui mais cinco seções
	<i>Mexicanus</i>	Glosas em castelhano e francês; possui mais duas seções
Grupo 3	<i>Azcatitlan</i>	Poucas glosas; Narra os três períodos da história mexicana
	<i>Manuscrito 40</i>	Escrita: pictoglífica com longos textos em nahuatl
	<i>Aubin</i>	Escrita: pictoglífica com longos textos em nahuatl
	<i>Manuscrito 85</i>	Escrita: pictoglífica com longos textos em nahuatl

A história do códice *Boturini* ou *Tira de la Peregrinación* ocupa o primeiro grupo de forma singular por conta de três aspectos: seu tipo de escrita, sua datação e seu formato. Trata-se da história mexicana colonial pictoglífica mais antiga que se conhece e é uma das poucas histórias mexicanas produzidas no formato de *tira*. Embora sua escrita contenha traços de iconografia europeia e apresente um padrão muito repetitivo de representações, todos os fólios contém glifos de acordo com o sistema de escrita mixteco-nahua (ROBERTSON, 1959) com poucas glosas indicando nomes de personagens ou lugares – nem sempre legíveis. Ao longo dos séculos XIX e XX, estudiosos debateram se este manuscrito seria pré-hispânico (RADIN, 1920); estudos mais recentemente encontraram aspectos que permitiram classificar o códice *Boturini* como colonial (JOHANSSON, 2007 A: 6-16), sendo que sua produção teria ocorrido provavelmente durante as décadas de 1530-1540 (TENA, 2009: 121), embora outros autores sugiram que sua produção foi posterior, na segunda metade do século XVI (ESCALANTE GONZALBO, 2010). O formato de *tira* remonta aos manuscritos pré-hispânicos de outras regiões, como os códices mixtecos ou da região de Puebla: trata-se de uma longa tira de papel ou de pele animal, dobrada em forma de biombo, como foi dito

anteriormente. Nenhum outro códice mexicana colonial, entre os nove mencionados, apresenta este formato.



Figuras 1, 2 e 3 – Códice *Boturini* ou *Tira de la Peregrinación*, fls. 1, 2 e 17 (JOHANSSON, 2007 A).

O segundo grupo é formado pelos códices *Mendoza*, *Telleriano-Remensis*, *Vaticano A* e *Mexicanus*. Há dois aspectos que foram utilizados para agrupá-los: os destinatários e a presença de outras seções – sendo que algumas destas foram confeccionadas especialmente para seus destinatários. O códice *Mendoza* foi produzido a mando do vice-rei Antonio de Mendoza com o objetivo de chegar às mãos do imperador Carlos V (embora tenha sido roubado por corsários franceses); já os códices *Telleriano-Remensis* e *Vaticano A* foram produzidos expressamente para um público europeu com a provável participação de missionários em sua produção, juntamente com informantes indígenas; por fim, o códice *Mexicanus* contém glosas em castelhano e francês, o que indica que muito provavelmente seria lido também por europeus. As histórias mexicanas nesses manuscritos estão agrupadas à outros gêneros indígenas, europeus ou partes que buscam acoplar gêneros das duas tradições. No códice *Mendoza*, há uma seção tributária e uma parte que contém descrições da vida cotidiana mexicana em tempos pré-hispânicos (BERDAN & ANAWALT, 1997: XI-XIII). O *Telleriano-Remensis* apresenta uma seção sobre o *xiuhpohualli* – ou *vintenas* que compunham o ciclo calendário de 365 dias – e outra sobre o *tonalpohualli* – ciclo calendário de 260 dias (MONTORO, 2008: 9-23). O códice *Vaticano A* contém uma seção sobre a cosmografia, a cosmogonia e história de Quetzalcoatl, Tollan e Cholula, uma parte sobre o *tonalpohualli*, tábuas calendárias dos anos sazonais e sua correspondência com os anos cristãos, uma seção sobre o *xiuhpohualli* (ou *vintenas*) e uma parte sobre o corpo humano, sacrifícios, outros costumes e as idades da vida (SANTOS, 2009: 110-113). O *Mexicanus*, por fim, apresenta uma seção sobre calendário e astrologia – unindo informações calendárias indígenas nahuas e

européias – e uma parte sobre a genealogia dos governantes mexicas e seus descendentes, relacionando-os a outros povos do Vale do México (CARBONE, 2014: 46-48).



Figuras 4, 5, 6, 7 e 8 – Códice *Mendoza*, fl. 2r (BERDAN & ANAWALT, 1992); códice *Telleriano-Remensis*, fl. 43r (KEBER, 1995); códice *Vaticano A*, fl. 89r (ANDERS & JANSEN, 1996); códice *Mexicanus*, fls. 26 (acima) e 27 (abaixo) (MENGIN, 1952).

O terceiro e último grupo é composto pelos códices *Azcatitlan*, *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Manuscrito 85*. Tais manuscritos foram agrupados por apresentarem narrativas históricas em sua totalidade, perpassando o período de migração dos mexicas desde a saída de locais originários, os sucessivos governos de México-Tenochtitlan, e acontecimentos pós-conquista castelhana<sup>7</sup>. Nessas histórias também há importantes mudanças quanto à escrita, que incorpora aspectos da iconografia europeia ou passa a substituir gradualmente a escrita pictográfica por textos alfabéticos em nahuatl. O códice *Azcatitlan* apresenta predominantemente textos pictográficos com poucas glosas, embora os glifos indígenas sejam combinados com convenções visuais narrativas e técnicas pictóricas europeias (CARBONE, 2014: 42-44). Nos outros três manuscritos, que são aparentados, como dito anteriormente, os textos alfabéticos em nahuatl dividem cada fôlho com os glifos – que também apresentam a introdução de técnicas pictóricas europeias (JOHANSSON, 2007 B).



<sup>7</sup> Com exceção do *Manuscrito 85*, que é um fragmento e narra parte da migração mexica até o início do governo de Acamapichtli, primeiro tlatoani (soberano) mexica.

Figuras 9, 10, 11 e 12 – Códice *Azcatitlan*, fl. 13a (GRAULICH & BARLOW, 1995); códice *Aubin*, fl. 72; *Manuscrito 40*, fl. 2r; *Manuscrito 85*, fl. 1r (KUTSCHER, LEHMANN & VOLLMER, 1981).

A proposta de agrupamento<sup>8</sup> realizada acima tem como objetivo servir como ponto de partida para o entendimento das transformações que a conquista castelhana trouxe para a produção das histórias mexicas, com a incorporação de características pictóricas europeias e a introdução do alfabeto, além das mudanças que ocorreram na própria sociedade mexicana, que foi integrada às instituições castelhanas e cristãs ao longo dos séculos XVI e início do XVII, durante o chamado período colonial inicial.

As histórias mexicas produzidas no período colonial inicial atenderam tanto às demandas dos castelhanos – como instrumentos para o entendimento da história, religiosidade e das relações políticas e econômicas entabuladas entre os mexicas e os povos por eles submetidos em tempos pré-hispânicos – quanto às das elites mexicas e seus descendentes – como objetos de manutenção das tradições históricas e das posições políticas de seus produtores, – ainda que sua produção fosse resultado de empreendimentos conjuntos entre missionários, funcionários castelhanos, escribas e informantes indígenas, cujas relações entabuladas nem sempre foram horizontais.

### Referências Bibliográficas

ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten. 1996. *Religión, costumbres e historia de los antiguos mexicanos. Libro explicativo del llamado Códice Vaticano A.* (e Facsímile). Espanha: Sociedad Estatal Quinto Centenario & Áustria: ADEVA & México: FCE.

---

<sup>8</sup> Em minha pesquisa de mestrado, intitulada provisoriamente *As histórias mexicas no período colonial inicial: Tempo e espaço nos códices mexicas (1530-1608)*, tenho buscado entender as concepções de tempo e espaço mexicas coloniais com base nas representações pictográficas e alfabéticas em cinco histórias – contidas nos códices *Aubin*, *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40* – que contemplam, portanto, amostras de manuscritos dos três grupos propostos. A pesquisa, cuja dissertação está prevista para ser defendida no primeiro semestre de 2018, é realizada sob o Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (PPGHS-USP) com bolsa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

- BERDAN, Frances F. e ANAWALT, Patricia Riefl (ed.). 1992. *The Codex Mendoza* (Vol. 3 - Facsimilar). Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press.
- \_\_\_\_\_. *The Essential Codex Mendoza*. 1997. Los Angeles: University of California Press.
- BROTHERSTON, Gordon. 1997. *La América indígena en su literatura: los libros del Cuarto Mundo*. México: FCE.
- CARBONE, Carla de Jesus. 2014. *Chicomoztoc, o Lugar das Sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial inicial (1540-1630)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.
- CASTAÑEDA DE LA PAZ, María. 2013. *Conflictos y alianzas en tiempos de cambio: Azcapotzalco, Tlacopan, Tenochtitlan y Tlatelolco (siglos XII-XVI)*. México: IIA-UNAM.
- COLIN Miranda, Minerva. 2007. *Un tiempo, un espacio, un pueblo: los mexicas - Análisis del Códice Aubin*. Trabalho de conclusão de curso. México: UNAM.
- DÍAZ ÁLVAREZ, Ana. 2016. *El maíz se sienta para platicar. Códices y formas de conocimiento nahua, más allá del mundo de los libros*. México: Universidad Iberoamericana.
- \_\_\_\_\_. 2011. *Las formas del tiempo. Tradiciones cosmográficas en los documentos calendáricos indígenas del México Central*. Tese de Doutorado. México: FFyL-UNAM.
- ELLIOTT, John. 1998. "A conquista espanhola e a colonização da América". In: *História da América Latina: América Latina colonial*, vol. I. Trad. Maria Clara Cescato, 2ª. edição, São Paulo: Edusp & Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, pp. 135-194.
- ESCALANTE GONZALBO, Pablo. 2010. *Los códices mesoamericanos antes y después de la conquista española. Historia de un lenguaje pictográfico*. Fondo de Cultura Económica: México.
- GALARZA, Joaquín. 1997. "Los códices mexicanos". In: *Arqueología Mexicana: Códices Prehispánicos*. N. 23. México: Editorial Raíces.
- GLASS, John B. 1975. "A Survey of Native Middle American Pictorial Manuscripts". In: WAUCHOPE, Robert (ed. geral) & CLINE, Howard F. (ed. dos volumes). *Handbook of Middle American Indians*. Vol. 14. Austin e Londres: UTP.

- GLASS, John B. & ROBERTSON, Donald. 1975. "A Census of Native Middle American Pictorial Manuscripts". In: WAUCHOPE, Robert & CLINE, Howard F. *Handbook of Middle American Indians*. Vol. 14. Austin e Londres: UTP.
- GRAULICH, Michel & BARLOW, Robert H. 1995. (Introdução e comentários) *Códice Azcatitlan*. (trad. espanhol Leonardo López Luján). Paris: Societé de Americanistes.
- HERREN, Angela Marie. 2005. *Portraying the Mexica past: A comparison of sixteenth-century pictorial accounts of origin in Codex Azcatitlan, Codex Boturini, and Codex Aubin* (Tese de Doutorado). New York: City University of New York.
- JOHANSSON K., Patrick. 2007 A. *Arqueología Mexicana: Tira de la Peregrinación* (Códice Boturini). Edição especial número 26. (Textos: Patrick Johansson K.. Fotografia: Biblioteca Nacional de Antropología e História). México: Editorial Raíces.
- \_\_\_\_\_. 2007 B. *La palabra, la imagen y el manuscrito: lecturas indígenas de un texto pictórico en el siglo XVI*. México : UNAM (2ª edição).
- KEBER, Eloise Quiñones. 1995. *Codex Telleriano-Remensis: ritual, divination and history in a pictorial Aztec manuscript*. Austin e Hong Kong: University of Texas Press.
- KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. 1981. *Geschichte der azteken. Codex Aubin und verwandte Dokumente*. Berlin: Gebr. Mann Verlag.
- LEÓN PORTILLA, Miguel. 2003. *Códices. Los antiguos libros del Nuevo Mundo*. México: Aguilar.
- LIMÓN OLVERA, Silvia; PASTRANA FLORES, Miguel. 2011. "Códices transcritos com pictografias". In: ROMERO GALVÁN, José Ruben (coord.). *Historiografía mexicana: historiografía novohispana de tradición indígena*. México: UNAM.
- MARTÍNEZ MARÍN, Carlos. 2011. "El registro de la historia". In: ROMERO GALVÁN, José Ruben (coord.). *Historiografía mexicana: historiografía novohispana de tradición indígena*. México: UNAM.
- MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. 1998. *Histoire mexicaine depuis 1221 jusqu'en 1594. Manuscrito núm. 40 del Fondo de Manuscritos Mexicanos, Biblioteca de Francia*. México: INAH.
- MENGIN, Ernest. 1952. "Commentaire du Codex Mexicanus n° 23-24 de la Bibliothèque Nationale de Paris". In: *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 41, n° 2. Paris.

- MONTORO, Gláucia Cristiani. 2008. *Memórias fragmentadas: novos aportes à história de confecção e formação do Códice Telleriano Remensis. Estudo codicológico* (Tese de Doutorado). Campinas: UNICAMP.
- MORENO DE LOS ARCOS, Roberto. 1989. "El Códice Aubin: una revisión necesaria." In: *Primer Coloquio de Documentos Pictográficos de Tradición Náhuatl*. México: UNAM-IIIH.
- NAVARRETE LINARES, Federico. 2001. "La conquista europea y el régimen colonial". In: MANZANILLA, Linda & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo (coord.). *Historia antigua de México*. Vol. III. 2a. edição, México: INAH & IIA – UNAM & Miguel Ángel Porrúa.
- \_\_\_\_\_. 2011. *Los orígenes de los pueblos indígenas del valle de México: los altépetl y sus historias*. México: UNAM.
- NEURATH, Johannes. 2013. "Los libros de piel de venado" in: *Artes de México. Códices Prehispánicos*. N. 109, 2013.
- NOWOTNY, Karl Anton. 2005 [1961] *Tlacuilolli: Style and contents of the mexican pictorial manuscripts with a catalog of the Borgia group*. Norman: University of Oklahoma Press (primeira publicação em alemão, 1961).
- PASTRANA FLORES, Miguel. 2011. "Códices anotados de tradición náhuatl". In: ROMERO GALVÁN, José Ruben (coord.). *Historiografía mexicana: historiografía novohispana de tradición indígena*. México: UNAM.
- RADIN, Paul. 1920. "The Sources and authenticity of the history of the ancient mexicans" in: *American Archaeology and Ethnology*, vol 17. Berkeley: University of California Publications.
- ROBERTSON, Donald. 1959. *Mexican manuscript painting of the early colonial period*. New Haven: Yale University Press.
- RUIZ, Ethelia. 2011. *Mexico's indigenous communities: their lands and histories. 1500 to 2010*. Boulder: University Press of Colorado.
- SANTOS, Eduardo N. dos. 2009. *Tempo, Espaço e Passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda.
- TENA, Rafael. 2009. "La cronología de la 'Tira de la Peregrinación'." in: *Estudios de Cultura Náhuatl*. Vol. 40. México: UNAM-IIIH.





VALLE, Perla. 1997. "Códices coloniales". In: *Arqueología Mexicana: Códices Prehispánicos*. N. 23. México: Editorial Raíces.